

a força mítica de beowulf

Sônia Zyngier



A FORÇA MÍTICA DE BEOWULF

SONIA ZYNGIER*

Dos celtas aos normandos, submetendo-se também ao domínio de levãs germânicas diferentes, a Inglaterra passou por várias influências culturais. Um dos períodos mais conturbados de sua história foi o da hegemonia anglo-saxônica.

Documentos originários desta época são escassos. Dentre eles, Beowulf¹ se destaca como o mais antigo relato épico, possivelmente criado no século VIII, narrando fatos ocorridos no século VI. Presume-se que se manteve na tradição oral até por volta do ano 1.000, quando passou a constar de uma coleção de manuscritos conhecida como Vittelius A XV, atualmente no British Museum de Londres. A primeira referência a este manuscrito data de 1705, quando Humphrey Wanley o descreveu e o citou num catálogo de manuscritos. Em 1731 foi parcialmente destruído pelo fogo e dele hoje há duas transcrições datadas de 1787. A primeira tradução foi feita para o dinamarquês por Gruntvig, em 1820, com o título Bjowufs Drape. Como o interesse pela literatura anglo-saxônica é relativamente recente, sua tradução para o inglês moderno só se fez em 1895.

A cultura anglo-saxônica dominante na Inglaterra desde o século VI mostra os primeiros indícios de seu enfraquecimento por volta do século VIII, quando missionários cristãos (principalmente aqueles enviados por Roma) começam a se fazer ouvir. O texto de Beowulf deixa transparecer o conflito entre a moral cristã e a cultura teutônica. Em relação à concepção divina, por exemplo, o herói anglo-saxão típico, Beowulf, diz:

... Aquele que for escolhido
Deverá entregar-se ao julgamento do Senhor.

Mas, logo a seguir, declara ter a sua cota de malha sido forjada por Wayland (1.456), na mitologia nórdica o ferreiro dos deuses. Segundo Clifford²

*Professora Assistente - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Literatura Inglesa.

... os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo — o tom, o caráter, e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposição morais e estéticas — e sua visão de mundo — o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem.

A cristianização, portanto, ia mudando vagarosamente a concepção teutônica do Universo. Além disso, os princípios da nova fé cristã não se coadunavam com as lutas pela hegemonia territorial empreendidas pelos vários povos nórdicos. Maurois³ conta que

Os reis saxões se fazem monges e partem em peregrinação para Roma; Sebbi de Essex entra para o convento em 674; Ethelred, Rei da Mércia, em 704. O sucessor deste último, Conrad da Mércia, termina os seus dias em Roma, assim como Offa de Essex. Ao mesmo tempo são assassinados príncipes, devastados reinos, saqueadas cidades, exterminados os habitantes ... Em 797 Aleuíno é forçado a escrever ao bispo de Lindisfarne: ... Que é que Ingeld tem de comum com o Cristo? A casa é pequena; não poderá conter a ambos.

A atmosfera em Beowulf é sombria e deprimente, as paisagens desoladoras. Mesmo durante o júbilo, nos banquetes, paira no ar uma ameaça. O poeta lembra que o destino do homem é decretado por entidade superior (o Wyrd teutônico) e que os godos estão fadados a desaparecer. Legouis⁴ critica o ambiente do poema que nos leva

a um lugar escuro onde a luz do sol não penetra e onde a neblina e vapores insalubres nunca são dissipados ... Trata-se de um poema saído de uma cela fria de um claustro em Northumbria. Re cende a túmulo.

A ambigüidade da lenda permite que, numa concepção cristã, os monstros que Beowulf enfrenta possam ser interpretados como representantes do mal. A introdução destes elementos na narrativa de algo que teria ocorrido no século VI denuncia o monge inglês recém-convertido que, além de fixar a lenda, documentava esta transição cultural.

Registro histórico dos mais importantes, há em Beowulf

um componente que atravessa o tempo e faz com que a narrativa empolgue e mobilize algo mais profundo em cada indivíduo - a concepção universal do herói.

O ENREDO

Antes da apresentação do herói, o poeta discorre sobre a fundação e descendência da dinastia dos Scyldings (dinamarqueses) e a construção pelo quarto de seus representantes, Hrothgar, de uma magnífica mansão⁵, Heorot, onde a aristocracia costumava congregar-se para banquetes. Hrothgar apresentava as qualidades próprias exigidas a um rei teutônico. Era destemido, leal, generoso nas recompensas e no wergild⁶. O povo vivia tranquilo até que um monstro começa a fazer incursões noturnas ao hall, devorando dos guerreiros os mais bravos. O medo toma conta do povo, o hall fica deserto e Grendel, o monstro, mantém o reino sob o seu jugo até que, numa terra distante, um guerreiro Geat⁷ de nome Beowulf resolve partir em auxílio de Hrothgar. Para tanto, Beowulf navega até a Dinamarca com alguns companheiros. É recebido com um grande banquete e nesta mesma noite dá-se uma luta entre Beowulf e o monstro, em que o herói arranca o braço do monstro, ferindo-o mortalmente. Este volta à caverna. Beowulf recebe a recompensa e é homenageado. No entanto, a mãe de Grendel, enfurecida com a morte do filho, ataca o hall, leva consigo o braço de Grendel e, como vingança, devora um dos mais bravos guerreiros dinamarqueses. Beowulf vai ao seu encontro nas profundezas de um lago escuro repleto de monstros e serpentes. Na luta, a espada feita especialmente para a ocasião de nada lhe serve, e, por sorte, ele encontra outra espada, mágica, que só uma pessoa extremamente forte poderia empunhar. Com ela, mata o segundo monstro, vê Grendel morto junto ao braço arrancado e volta com a cabeça deste e um tesouro. Os guerreiros que o esperavam em volta do lago, ao verem sangue burbulhando, se entristecem mas não abandonam o local até que o vencedor surja. Novamente é Beowulf recebido com festas e presentes. Volta para sua terra e oferece parte

dos tesouros a Hygelac, rei dos godos. Após a morte deste e de seu filho Heardred, Beowulf é levado ao trono por consenso popular. Cinquenta anos de um reinado tranqüilo se sucedem até que um escravo rouba um objeto pertencente ao tesouro um dragão que vivia numa caverna. Como vingança, o monstro ataca os súditos de Beowulf e este se vê forçado a defender o povo. A luta é a mais difícil das três e Beowulf é mortalmente ferido. Os guerreiros que o tinham acompanhado desertam, à exceção de Wiglaf, que o ajuda a matar o inimigo. Desanimado e melancólico, Beowulf morre junto ao tesouro que conquistara para seu povo. Wiglaf, então, crema o corpo e guarda as cinzas e o tesouro num monumento à beira-mar⁸, para que, segundo a vontade de Beowulf, navegantes o pudessem ver a grande distância. Wiglaf repreende os guerreiros que choram a morte de seu herói e denuncia a desgraça que cairá sobre os godos.

COMPONENTES MÍTICOS

De que forma Beowulf consegue sobreviver 12 séculos e manter-se como fonte de interesse e estudo até nossos dias?

Otto Rank⁹, num trabalho lúcido e magistral, recolheu diversos mitos para daí buscar o que teriam em comum, isto é, um mito padrão. Segundo ele¹⁰, o herói típico descende de pais da mais alta nobreza. Geralmente é filho de um rei. Seu nascimento é precedido de dificuldades. É abandonado nas águas em um recipiente e recolhido por gente humilde (ou um animal) que o alimenta e cria. Depois da infância descobre sua origem nobre, e logo vingam-se do pai. Obtém reconhecimento por seus méritos, alcançando as honras que merece.

Da mesma forma, Beowulf é apresentado como um guerreiro nobre entre os godos. Ao saber da destruição causada por Grendel nas terras de Hrothgar, toma uma embarcação e parte para enfrentar o monstro¹¹. A difícil travessia marítima é narrada em detalhe¹². Após a chegada é recebido por uma sentinela que pede sua identificação antes de deixá-lo seguir a Heorot. Durante o banquete que lhe é oferecido, um súdito de Hrothgar lhe demonstra oposição (episódio de Breca)¹³. Duvida da capa

cidade de Beowulf de enfrentar o monstro. Tal hostilidade dá oportunidade ao herói de vangloriar-se de seus feitos, lutas contra monstros marinhos, em que dá provas de sua força, coragem e valentia.

Nos mitos, como regra, o pai aparece em sua verdadeira identidade, como, por exemplo, no de Édipo. Pode também ser representado por uma força opressora qualquer, seja ela um tirano, um monstro, ou mesmo uma situação social autoritária. Cabe ao herói derrotá-la para que uma nova ordem possa ser estabelecida. A lenda do amor impossível de Romeu e Julieta surge numa Itália dividida. Alguns estudos justificam o interesse de Shakespeare pelo tema pelo fato de poder assim criticar a Guerra das Rosas, luta civil que ocorreu na Inglaterra do século XV. Shakespeare inclusive cria um novo personagem, o alegre e inconsequente Mercutio, e o destrói no terceiro ato, deixando claro sua crítica à irracionalidade de uma luta fratricida. No caso de Beowulf, a opressão é externa, vem de fora dos limites do clã. As invasões são frequentes e interessa ao povo anglo-saxão cultivar a figura do herói protetor.

O poema apresenta outras características relevantes quanto ao tema mítico. O nome do herói parece significar Bæwulf¹⁴, filhote de urso. Alexandre¹⁵ menciona a força ursina do personagem que é intrínseca ao próprio nome (Bee-wolf, isto é, bear, urso), e faz referência a uma lenda folclórica "O Filho do Urso". Conforme mencionado acima, é comum nos mitos o herói ser alimentado ou criado por animais¹⁶. Assim, Beowulf assemelha-se à lenda de Siegfried, que é lançado às águas em um recipiente de cristal e ao chegar em terra firme é criado por uma cerva. Segundo a mitologia teutônica, o pai de Siegfried, Sigmund de Tarlungaland, consegue retirar uma espada mágica encravada no tronco de uma árvore¹⁷. Ao lutar contra a mãe de Grendel, obstáculo mais difícil que o primeiro, Beowulf também encontra uma espada mágica que só ele consegue empunhar. Na última luta, a arma é derretida pelo dragão, enquanto que na lenda de Sigmund ela se quebra e os fragmentos são guardados.

Um outro paralelo pode ser traçado com a saga do Cavaleiro do Cisne. Semelhante ao que acontece em Beowulf, Lohen

grin ouve o apelo distante de Elsa e se lança ao mar num barco (puxado por um cisne) para bater-se em sua defesa.

Portanto, longe de ser um fenômeno isolado, Beowulf apresenta diversos aspectos estruturais e semióticos comuns a outros mitos, teutônicos ou não. Nota-se um esforço em preservar a memória coletiva para dela se extrair princípios sociais que sirvam de orientação a uma tomada de posição diante de novos fatos. O caráter universal do mito é explicado por Malinowski¹⁸ quando afirma que se trata de

... uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz as profundas necessidades religiosas, aspirações morais, as pressões e imperativos de ordem social, e mesmo as exigências práticas. Nas civilizações primitivas o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para orientação do homem.

Dentro de uma interpretação psicanalítica, nos mitos, o abandono na água é tido como expressão simbólica do nascimento, o barco representando o ventre materno. Freud¹⁹, referindo-se a um sonho em que o paciente se joga na água escura de um lago, diz que

Os sonhos desse gênero são sonhos de nascimento e chegamos à sua interpretação invertendo o fato comunicado no conteúdo manifesto, ou seja, em lugar de lançar-se na água, sair da água; isto é, ser parido.

Mais adiante, acrescenta:

Tanto nos sonhos, como na mitologia, a saída da criança do líquido amniótico é representada por um ato contrário, ou seja, por sua imersão na água. Exemplos conhecidos dessa representação são, entre muitos outros, os nascimentos de Adão, Osiris, Moisés e Baco.

Vemos o tema do nascimento e sua repetição nas duas primeiras lutas de Beowulf, quando o herói lança-se às águas.

Não há em Beowulf descrições detalhadas do herói ou dos monstros. O poeta procura fazer com que Beowulf encarne o ideal anglo-saxão. Os monstros, por sua vez, tornam-se mais terríveis à medida em que lhes omitem os atributos físicos.

Fogem ao domínio pictórico. Estas descrições indefinidas tornam os episódios nebulosos, alimentando a imaginação do leitor/ouvinte e favorecendo interpretações simbólicas²¹.

Da mesma forma, a generalização ajuda a transferir os episódios a um nível mitológico. Rank conclui que

ao atribuir ao herói as suas próprias histórias (fantasias) infantis, os construtores individuais do mito se identificam com ele, chamando para si o mérito de haverem sido, também eles, heróis semelhantes. O verdadeiro herói é, então, o eu que se encontra a si mesmo no herói, voltando ao tempo em que o eu era ele mesmo um herói, no seu primeiro ato heróico²².

PAPEL DO MITO NA SOCIEDADE ANGLO-SAXÔNICA

Na segunda parte do poema, encontramos Beowulf 50 anos mais velho, como rei, vendo-se forçado a lutar contra mais um dragão. Seus súditos o abandonam e o desastre é iminente. Wiglaf não demonstra capacidade nem vontade para dirigir um povo já enfraquecido. É o ocaso dos godos.

O público anglo-saxão do século VIII estava a par do que havia acontecido 200 anos antes. Qual a explicação, então, do surgimento desse mito dentro da sociedade anglo-saxônica? A lenda de Moisés é mantida pelos judeus, constantemente ameaçados de extermínio, como tentativa de unificação e resistência. Da mesma forma, na cultura norte-americana "superman" surge no período em que a economia se encontrava em crise e o povo desmoralizado.

Os anglo-saxões do século VIII estavam sob frequente ameaça de ataques por outras tribos germânicas, os Vikings, que por essa época invadiam parte das ilhas britânicas²³. Era importante manter o povo coeso para resistir a esses ataques. Cantada pelo scop com a função de entreter e instruir, a poesia aliterativa oral já por si só unia o grupo para uma experiência em comum - um símbolo de resistência.

Retratando a queda dos godos, e transcrito quando da ameaça à soberania anglo-saxônica, Beowulf é considerado como uma "espécie de dinossauro à porta da Literatura Ingle

sa"²⁴. Representa uma das únicas contribuições de valor que nos foi legada pelo mundo anglo-saxão.

REFERÊNCIAS E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Edição usada: ALEXANDER, M. Beowulf. London, Penguin Books Ltd., 1973. As traduções são de minha responsabilidade.
2. GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio, Zahar Editores, 1978. Pp. 103-4.
3. MAUROIS, André. História da Inglaterra. Rio, irmãos Pongetti Ed., 1959. P. 39.
4. LEGOUIS, E. & CAZAMIAN, L. A History of English Literature. London, J.M.Dent & Sons Ltd., 1964. P. 25.
5. ou seja, hall.
6. Compensação paga pela morte de um parente para apaziguar a família.
7. Godos. Povo do sul da Suécia.
8. Em 1939, escavações arqueológicas a um túmulo em Sutton Hoo, na costa leste da Inglaterra, levaram à descoberta de um tesouro, o que confirma a veracidade do texto.
9. RANK, Otto. El Mito del Nacimiento del Heroe. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1961.
10. Somente as características pertinentes ao nosso caso foram selecionadas.
11. Rank esclarece que o relato mítico da fundação da dinastia dos Scyldings no começo do poema é concentrado na figura do fundador Scyld Shefing ("Shefing" significando "filho de Scaef") que recebeu tal nome porque foi jogado

ao mar num barco enquanto dormia sobre um barril de grãos ("sceaaf"). As ondas do mar o levaram ao país que estava destinado a defender. Seus habitantes lhe deram boas-vindas como se se tratasse de um milagre, o criaram e mais tarde o nomearam rei, considerando-o enviado de Deus. Após sua morte, é novamente colocado sobre as águas com um tesouro num "navio-túmulo" (ship-burial) segundo ritual teutônico. RANK, op.cit.pp.77-8.

12. Note-se que Beowulf lança-se às águas uma segunda vez para enfrentar a mãe de Grendel.
13. Também neste episódio a luta é realizada na água.
14. RANK, op. cit. p.78.
15. ALEXANDER, M. op. cit. p.18.
16. Rômulo e Remo, Kim (lobos). Segundo a mitologia assírio-babilônica, o herói Enkidu, ou Eabani, cresceu no deserto entre animais selvagens.

"Com gazelas pastava,
Com o gado matava a sede
Com as aves seu coração se alegrava ao beber"

E na mitologia persa antiga, o jovem Feridun é alimentado por Purmajeh, uma vaca milagrosa. (in New Larousse Encyclopedia of Mythology. London, The Hanlyn Publ. Group Ltd., 1972. P. 66 e p. 320).

17. Vide mito celta do Rei Artur e sua espada Excalibur.
18. in MIRCEA, Eliade. Mito e Realidade. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972. P. 23.
19. FREUD, Sigmund. Obras Completas. A Interpretação dos Sonhos. Vol.II. Rio, Editora Delta S.A. P. 128.
20. Idem, p. 129.
21. Por exemplo, considerar Grendel como representação do Dia bo ou do Mal, Beowulf como Cristo. Ou então, Grendel como força destruidora do mar da qual Beowulf (divindade do grão, do anglo-saxão "Beow") procura libertar os homens.
22. ou seja, a rebelião contra o pai. RANK. op. cit. p.101.

23. Em 1017 são dominados pelo rei viking Canute e, embora retomem o poder em 1042, são totalmente subjugados pelos normandos em 1066.

24. ALEXANDER, op. cit. p. 10.